

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO**

**Uma análise sociopolítica da emancipação das mulheres  
brasileiras no século XX, sob a perspectiva da seção  
*FEMINISMO* do jornal *O PAIZ***

BAURU

2022

**Uma análise sociopolítica da emancipação das mulheres  
brasileiras no século XX, sob a perspectiva da seção  
*FEMINISMO* do jornal *O PAIZ***

Monografia de Iniciação Científica PIBIC -  
FAP/Unisagrado apresentada pela aluna Hellen  
Cristine Pacheco à Coordenadoria Geral de  
Pesquisa e Extensão do Centro Universitário  
Sagrado Coração – UNISAGRADO - Bauru/SP.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lourdes Madalena  
Gazarini Conde Feitosa.

BAURU

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P116a	<p>Pacheco, Hellen Cristine</p> <p>Uma análise sociopolítica da emancipação das mulheres brasileiras no século XX, sob a perspectiva da seção FEMINISMO do jornal O Paiz / Hellen Cristine Pacheco. -- 2022. 36f.: il.</p> <p>Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa</p> <p>Monografia (Iniciação Científica em História) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Feminismo. 2. Mulheres. 3. Periódico. 4. FBPF. 5. República. I. Feitosa, Lourdes Madalena Gazarini Conde. II. Título.</p>
-------	---

Dedico esta pesquisa em memória a todas as mulheres que por anos lutaram para serem ouvidas, e a todos os professores que cruzaram meu caminho em minha jornada de estudos; espero que estejam orgulhosos pelo excelente trabalho que fizeram.

## **AGRADECIMENTOS**

Adentrar na área de pesquisa não é um processo fácil. Durante o ano que estive pesquisando e escrevendo, me deparei com diversas dificuldades em me adequar aos moldes acadêmicos. Os desafios técnicos foram difíceis, mas os emocionais foram ainda mais. Estudar a história das mulheres enquanto mulher e não se imaginar passando pelos diversos processos históricos que elas passaram é quase impossível; e acredito que essa associação enriqueça ainda mais minha posição de historiadora.

Agradeço inicialmente ao Centro Universitário do Sagrado Coração pela oferta do programa de Iniciação Científica, e contemplação com a bolsa do Fundo de Amparo à Pesquisa (FAP/Unisagrado); programa que acredito que tenha sido indispensável para a minha formação e para trilhar todo o processo de maneira estável.

Registro também os meus mais profundos agradecimentos a minha Professora e orientadora Lourdes, que me apoiou, guiou e acreditou em mim não só durante a pesquisa, mas em todos os anos da minha licenciatura, sendo empática, compreensiva, assertiva e extremamente disposta a me ajudar, tendo uma enorme contribuição com meu crescimento profissional. Foi ela a maior responsável por despertar em mim, ainda no primeiro ano da graduação, o interesse pela História das Mulheres, tema qual ela sempre abordou com muita paixão. Obrigada por ser minha maior inspiração enquanto historiadora! Agradeço também aos demais professores de minha graduação: Profa. Flávia, Prof. Roger e Prof. Pallotta, que tanto me ensinaram.

Agradeço também minha família e meu namorado, que estiveram ao meu lado me dando todo o suporte necessário; e por fim, não poderia deixar de agradecer algumas pessoas que foram essenciais durante esta jornada pois acompanharam de perto esta pesquisa. Larissa, Vanessa, Enrico e Leonardo; obrigada por sempre me escutarem e socorrerem.

## RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar o importante papel dos periódicos na divulgação dos movimentos de emancipação feministas, que ocorreram no início do século XX e que deram voz e espaço para as reivindicações dos direitos das mulheres, diferente da maioria das publicações que narravam a participação das mulheres na sociedade segundo sua ótica, representando-a como cuidadora da família, responsável pela tarefa e harmonia do lar e da educação dos filhos. O periódico escolhido para abordar a mudança de cenário das pautas da imprensa é o jornal de circulação diária *O PAIZ*, fundado no Rio de Janeiro em 1º de outubro de 1884 por João José dos Reis Júnior. Este jornal se destacou por suas opiniões políticas e participação nas campanhas abolicionista e republicana, já que começou a circular em um período histórico que antecedeu a Proclamação da República, ocorrida em 15 de novembro de 1889, e a abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888. Apesar de *O PAIZ* não ser um periódico feminista, ele passou a contribuir com estes ideais. O objetivo da pesquisa foi analisar a coluna intitulada “o Feminismo”, publicada no jornal nos anos finais da década de 1920 e escrita pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que se encontra disponível *online* no site da Hemeroteca Digital. O intuito foi entender a importância das pautas ali apresentadas e compreender as representações e contribuições desta fonte jornalística para o movimento feminista e para a luta das mulheres brasileiras e pesquisar as narrativas deixadas por aquelas que escreveram em *O PAIZ*, as histórias, os temas discutidos e as reivindicações nele apresentadas. A metodologia consistiu na análise do periódico em questão, junto de pesquisas bibliográficas, visando exaltar a importância político-social do jornal para a propagação das ideias feministas da época. Resultante desta pesquisa, constatou-se que a união das mulheres, em destaque as da FBPF, foi determinante para ascender e reafirmar os anseios destas mulheres, já não mais dispostas a se contentar em cumprir um papel social secundário em suas próprias histórias.

**Palavras-chave:** Feminismo; mulheres; periódico; FBPF; república.

## **ABSTRACT**

This research seeks to analyze the important role of newspapers in the dissemination of feminist emancipation movements, dated from the early 1900's. These texts gave voice and space to the claims of women's rights, unlike most publications that covered the participation of women in society, representing them as only a caregiver, responsible for home tasks, the family's harmony and the education of their children. The newspaper chosen to address the change of scenario in the press' agendas is O PAIZ, founded in Rio de Janeiro on October 1, 1884, by João José dos Reis Júnior. This newspaper stood out for its political opinions and participation in the abolitionist and republican campaigns, as it began circulating in a historical period preceding the Proclamation of the Republic, which occurred on November 15, 1889, and the abolition of slavery on May 13, 1888. Although PAIZ is not a feminist newspaper, it began to contribute to these ideals. The research aims to analyze the column entitled "Feminism", published in the late 1920s and written by the Brazilian Federation of Female Progress. The document is available online on the Website of the Digital Hemeroteca. The intention was to understand the importance of the agendas in the article, the representations and contributions of this journalistic source to both the feminist movement and the struggle of Brazilian women. There was also the goal to research the narratives left by those who wrote in O PAIZ, the stories, the themes discussed, and the claims reported in it. The methodology consisted in the analysis of the newspaper assisted by the bibliographic research, aiming to highlight its political and social importance for the propagation of feminist ideas. As a result of this research, it was found that the women's union, especially those of the FBPF, was determinant to lit up and reaffirm their longings, helping them to no longer willingly fulfill a secondary social role in their own histories.

**Keywords:** Feminism; women; periodical; FBPF; republic.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>8</b>
Logo, mesmo que a tecnologia do digital permita o acesso a estes jornais, é necessário fazer a análise externa deles para compreender como seus processos de produção e distribuição diferem os impressos de época dos arquivos digitais. Os jornais dos séculos XIX e XX exigiam grande investimento em papéis, tintas, tipografias, técnicas e mãos de obra; além de depender de toda uma logística para ser comercializado, sendo sua distribuição por rotas terrestres e seus preços muitas vezes não acessíveis. ....	14
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

### *1.1. Introdução da pesquisa*

Nas últimas décadas do século XX, o processo de descolonização em curso na África e na Ásia e a organização de diversos movimentos ao redor do globo com o intuito de questionar as diferenças sociais, étnicas, religiosas, sexuais e de gênero, resultaram na busca por novas referências para entender as diferenças estabelecidas entre os indivíduos. A participação mais intensa das mulheres no mercado de trabalho e no universo acadêmico, a busca de maior liberdade, de igualdade de direitos e de representação, resultou em avanços nos estudos sobre elas. Colocou-se em discussão o papel delas na História e como foram construídas as diferenças entre os sexos e as relações de poder entre eles. Essas questões influenciaram de modo decisivo as Ciências Humanas e a busca por outras histórias, suportes teóricos e fontes que permitissem inserir, em sua



área de conhecimento, a história daqueles até então dela excluídos (FEITOSA, 2012). Na redefinição da categoria que ocorreu com o surgimento da nova historiografia da Escola dos Annales, deixa-se de produzir escritos que referenciassem apenas os “Grandes Homens” e começa uma nova forma de se produzir História, forma essa que estava disposta a contemplar todas as camadas da sociedade e seu cotidiano sobre a perspectiva de diversas fontes históricas com valor documental, dentre outros, cartas, inscrições, monumentos e jornais, este último selecionado para desenvolver esta pesquisa. Sendo assim, os papéis incumbidos e atribuídos socialmente aos gêneros apontam transformações nos âmbitos de suas identidades culturais, e tradições que constroem suas relações na civilização ao longo dos tempos.

Segundo Constância Lima Duarte (2016), as primeiras publicações escritas por mulheres no Brasil foram feitas em jornais, que já apresentavam uma perspectiva feminista e falavam sobre o direito das mulheres, utilizando de sua liberdade de expressão. Inicialmente, os jornais traziam pautas sobre as mulheres, escritas por homens e para homens, mas essa produção jornalística passou por transformações e se tornou um ambiente de revogação dos direitos femininos.

Para alcançar o espaço ativo, tanto na produção jornalística quanto no mercado consumidor deste material, as mulheres tiveram que superar diversos desafios, sendo um dos principais a questão do analfabetismo e a falta de acesso à educação. Durante muito tempo, a educação e instrução formal escolar no Brasil era restrita aos homens, já que havia uma ideia baseada em pressupostos científicos (NASCIMENTO, 2006, p. 83-84) que alegavam que as mulheres caberiam apenas no espaço privado do lar, exercendo a função de mãe e esposa, funções essas que exigiam apenas habilidades inatas e instintivas, alegando que “uma mulher culta não é uma mulher” (PERROT, 2015, p. 93)

De acordo com Rosemberg (2012, p. 338), o percurso da educação das mulheres no Brasil no sistema educacional não passou por grandes mudanças durante as transições de Colônia para Império e para a Primeira República, o seja, criou-se uma mentalidade ao longo destes séculos de que a educação formal não deveria ser dirigida às mulheres, atribuindo a elas uma suposta inferioridade intelectual. Mesmo no século XIX, período este em que começaram a aparecer publicações femininas, elas ainda possuíam acesso a saberes mínimos, como a formação moral e religiosa e aos dotes para ser uma boa esposa e cuidadora do lar.

A questão da exclusão das mulheres de espaços intelectuais era estrutural e as privava de poder exercer uma cidadania. Além disso, não ter acesso a uma instrução formal que permitisse a construção de um pensamento crítico contribuía para a continuidade do posicionamento feminino em condições subalternas. Constância (2016, p.98) afirma que “Quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da leitura, que por sua vez as levou à escrita e à crítica”, sendo assim, foi possível o nascimento de uma consciência de que suas

potencialidades não se resumiam apenas aos papéis que estavam ocupando na sociedade. Nascia, assim, as publicações e escritas que continham reivindicações e reflexões sobre as mudanças de atribuições aos sexos que deveriam ocorrer.

Foram poucas as mulheres que tiveram acesso ao letramento, mais especificamente as mulheres pertencentes a uma elite conseguiram se alfabetizar e se dedicar aos estudos. A partir dessa condição, surgiu um importante grupo de mulheres conhecido como Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), fundada em 9 de agosto de 1922, no Rio de Janeiro. Essa federação tinha como afins orientar os esforços das mulheres no sentido de elevar-lhes o nível da cultura e tornar-lhes mais eficiente à atividade social, quer na vida doméstica, quer na vida pública, intelectual e política. A intenção da FBPF era alcançar todo o universo feminino brasileiro, mas desde sua fundação foi dirigida por mulheres oriundas da alta classe média, que aproveitavam da inserção e prestígio para alcançar seus objetivos através do estreitamento das relações com os poderes estabelecidos.

A partir desta contextualização, esta pesquisa buscou discutir as diversas lutas destas mulheres defendidas pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e a maneira como elas foram divulgadas pelo periódico matutino “*O PAIZ*” nos finais da década de 1920, época politicamente marcada pela participação exclusiva da elite masculina e pela prática do coronelismo. Este sistema político nacional constituiu-se pela articulação entre grupos de um mesmo partido estabelecidos nas esferas dos governos federal e estadual com a sua base municipal, por intermédio da ação dos coronéis de cada região. A troca de favores garantia o controle de cargos públicos, benefícios e poderes sobre os rivais enquanto os coronéis, em um sistema de barganhas, afiançavam à esfera governamental o seu apoio em forma de votos e a manutenção de seu poder local ao atender demandas de seu eleitorado e, por vezes, atuar de modo coercitivo sobre este (LEAL, 1980, p.14).

## *1.2 O início da imprensa Feminina no Brasil*

A história das mulheres foi, por muitos anos, silenciada. Seus escritos e suas narrativas, mesmo que sempre presentes, foram excluídas de uma História Oficial, o que torna um desafio pesquisar sobre este tema. Para entender mais sobre a narrativa feminina, é necessário deslocar-se para a trama cotidiana, estudar o interior deste grupo, contemplando suas tensões e as vivências sociais, políticas e culturais. (FEITOSA, 2012).

Os movimentos de luta e emancipação feministas começaram a se destacar nos anos finais do século XIX, ganhando ainda mais notoriedade no século XX. De início, as lutas e esforços focavam em acabar com o exclusivismo e afastamento das mulheres de diversas áreas da

sociedade, buscando a abertura e conquista da participação nos espaços públicos e não somente mais nos privados, podendo realizar o exercício pleno da cidadania e a efetivação de seus direitos.

O foco era realizar o despertar de outras mulheres para que saíssem da esfera doméstica a qual eram limitadas e passassem a exercer seu direito ao voto, adentrar no mercado de trabalho e conquistar uma igualdade perante os homens. Segundo Alves e Moreira (1991), essas manifestações ficaram conhecidas como Primeira Onda Feminista, iniciada em países como a Inglaterra e os Estados Unidos; foram destes movimentos que nasceram as sufragistas, ou seja, mulheres que lutavam pelo sufrágio feminino.

Posteriormente, já adentrando no século XX, o movimento feminista passou pela sua Segunda onda, caracterizada por não exigir mais somente os direitos cívicos básicos, mas também lutar por questões como a legalização do divórcio. Destaca-se que atos de descontentamento com sua realidade por parte das mulheres sempre existiu, porém só ganharam força e relevância nos séculos citados, momento em que passaram a contar com o apoio de intelectuais e um maior número de simpatizantes, e com a nova configuração mundial industrial e capitalista, na qual o mundo passou a ser regido pelo capital e leis de mercado. Além disso, a historiografia mostra que sempre foi necessária uma luta dos oprimidos para conseguirem se libertar, e a imprensa foi uma grande precursora dos movimentos sociais e feministas que ocorriam nacional e internacionalmente.

Os periódicos, como fonte de pesquisa da história das mulheres, oferecem aos pesquisadores a oportunidade de investigar sobre os anseios de grupos de mulheres no espaço público. Segundo Sandra Lima, “Essas mulheres, através de seus jornais, procuravam despertar as demais para o desenvolvimento de um potencial sufocado e desconhecido. Acreditavam na educação como instrumento mais eficaz para libertar a mulher da opressão que vinha sofrendo há séculos” (2007, p.223). Logo, com lugares limitados a serem ocupados nos espaços públicos, os periódicos eram uma grande oportunidade de marcar a presença e opinião feminina no cotidiano da sociedade, podendo divulgar para todas as pessoas suas críticas e reivindicações que não faziam pauta das preocupações dos homens que ocupavam o poder. Pode-se compreender, portanto, que os jornais eram utilizados também para despertar outras mulheres a uma tomada de consciência de seus direitos e que eles se constituem em importante fonte para a construção da narrativa e discussões historiográficas sobre as mulheres.

Os periódicos passaram por diversas transformações desde que começaram a ser produzidos no Brasil, em 1808, com a chegada da família real portuguesa. O primeiro publicado em solo brasileiro, “A Gazeta do Rio de Janeiro”, que abordava apenas assuntos relacionados à coroa já que era financiado por ela (SODRÉ, 1999). A coroa prestava financiamento somente aos jornais que eram favoráveis ao seu governo e agia com censura em relação aos jornais que lhe

eram críticos. Este cenário só passou por mudanças após 1824, com a nova Constituição brasileira, que rezava:

A livre comunicação do pensamento é um dos mais preciosos direitos do homem. Todo cidadão pode, conseqüentemente, sem dependência de censura prévia, manifestar suas opiniões em qualquer matéria, contanto que haja de responder pelo abuso desta liberdade nos casos e na forma que a lei determinar. (SODRÉ, 1999, p. 41).

Mesmo com a liberdade assegurada por lei, foi somente durante o governo de Dom Pedro II que a imprensa passou a ser mais livre e a se expandir por todo o território nacional. A partir deste momento, passou-se a observar mudanças de pautas, conteúdos, público-alvo etc. Essas alterações ocorreram juntamente com as transformações de espaço e tempo decorrentes da industrialização da sociedade. Deixou de ser um material de consumo apenas para eruditos para tornar-se uma fonte informativa e de voz dos movimentos sociais, como a luta das mulheres.

Com o fim do século XIX e início do século XX, desenvolve-se uma nova articulação com a ampliação da vida urbana e a modernização das cidades. A imprensa e os periódicos são cada vez mais correntes no cotidiano urbano, ocupando um lugar não apenas de entretenimento e informação, mas também um espaço opinativo, educador e reivindicador, contemplando a pluralidade do país, como consideram Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, (2008, p.157):

[...] Surgiram seções especializadas, dedicadas ao público feminino, esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária, assuntos policiais e internacionais. Aos poucos delineava-se a distinção entre matéria de caráter informacional ou propriamente jornalística, supostamente neutra e objetiva, e o texto de opinião, que tomava posição e defendia ideias e valores. [...]

As seções voltadas para as mulheres deixaram de ser apenas a visão dos homens sobre o modo de vida e de ser que deveria caber a elas, para tornarem-se, aos poucos, manifestações delas próprias sobre seus interesses, gostos pessoais e pautas sociais e políticas.

Para Buitoni (2009, p.47), no século XIX, a imprensa brasileira passou a se dividir em dois focos de discursos, sendo um tradicional, elitista, escrito e pensado por homens, que exaltava a designação dos papéis de gênero nos quais às mulheres cabiam os cuidados do lar e ao homem o do mercado de trabalho e a política; e outro considerado progressista, que abordava ideias consideradas modernas e revolucionárias para a época, como a emancipação feminina. Inicialmente, o jornalismo feminino surgiu sem levantar as bandeiras feministas como foco principal, debatendo assuntos variados destinados ao público geral, de ambos os sexos, e voltados para o entretenimento. Devido a isso, a imprensa feminina como instrumento de manifestação só foi possível com a criação de um tipo de jornalismo especializado, pensado para o mercado

consumidor feminino e que elaborasse questões que causassem um despertar e uma simpatia às suas causas.

Segundo Gonçalves (2014) na categoria dos discursos progressistas, surge no Brasil periódicos editados e escritos por mulheres, chamados de periódicos femininos, entre eles o *Jornal das Senhoras*, de responsabilidade de Joana Paula Manso de Noronha e que surgiu a partir de 1852. Este jornal tinha como foco narrar alguns protestos feministas e criticar a relação de subordinação da mulher para com o homem. Apesar de apresentar este caráter revolucionário para a época, o jornal ainda trazia em suas páginas conteúdos que pudessem agradar a sociedade até então conservadora, como moda, literatura, educação dos filhos, etiquetas, costumes e assuntos domésticos. Na década seguinte surge o periódico *O Belo Sexo*, preocupado em apresentar diversas críticas à atuação exclusiva das mulheres à vida doméstica e às obrigações do lar, tratando até mesmo sobre a solidão feminina. Neste período, o Brasil já contava com um vasto número de periódicos femininos, sendo a maioria no Rio de Janeiro, então capital do império e local de moradia de mulheres da elite cafeeira, com acesso à educação e possíveis consumidoras dos jornais.

As mulheres à frente destes jornais foram as responsáveis pelos periódicos assumirem um papel de militância e trazer para o cotidiano da sociedade carioca as reivindicações de seu gênero, entre elas a da instrução feminina para que um maior número de mulheres conseguisse acesso às diversas áreas de conhecimento, e estimulá-las a ocupar espaços público e entender a importância da educação, igualdade e intelectualidade.

As novas pautas trazidas pelos jornais foram abordadas pelas pesquisadoras Beatriz Berr Elias e Luis Carlos dos Passos Martins, que analisam especificamente os assuntos abordados na coluna “o Feminismo”, do jornal *O PAIZ*:

As pautas encontradas na coluna, principalmente no ano de 1927 e meses iniciais de 1928, foram: a questão do voto feminino; o voto feminino internacional; a eficiência das mulheres na ciência e na política citando exemplos nacionais e internacionais de mulheres que tiveram sucesso em suas atuações; união feminina entre os países pelo voto; denúncias sobre o atraso do Brasil em relação aos outros países onde as mulheres já haviam conquistado o voto; apoio do senado ao direito do voto; o voto feminino no Rio Grande do Norte (ELIAS; MARTINS, 2019, p.24).

Ao escreverem sobre essas pautas, as redatoras da coluna queriam que as leitoras despertassem para a situação de atraso das conquistas femininas no Brasil, já que em vários lugares do mundo as mulheres estavam conseguindo atingir suas reivindicações; por outro lado, também traziam os pequenos feitos do feminismo nacional como celebração e inspiração.

Logo, fica evidente que ao abordar pautas destinadas para as leitoras, os jornais despertavam neste público a vontade de consumi-lo, mas também de o compor, para que em suas colunas estivessem expostos assuntos de seus interesses.

## 2. MATERIAS E MÉTODOS

Este projeto contou com pesquisa em fontes primárias, mais especificamente os periódicos cariocas do século XIX, encontrados no acervo digital da Hemeroteca Digital, disponível no site da Biblioteca Digital Nacional Brasil, de forma livre e gratuita. Também foram utilizados diversos outros materiais digitalizados e disponíveis na internet, uma vez que a pandemia de Covid-19, que teve início no Brasil em 2020, dificultou o acesso às bibliotecas e aos demais acervos de materiais físicos.

É importante ressaltar que a fonte foi trabalhada digitalmente, sendo a análise de fontes digitais uma categoria emergente nas pesquisas. A digitalização do periódico é um trabalho conjunto, que representa o passado por meio de novas tecnologias, que resultam na conversão do documento histórico trabalhado. Mesmo que o arquivo digitalizado seja uma cópia real do documento físico, sendo considerado verdadeiro, é válida a observação de que não se trabalhou na análise as propriedades organolépticas do periódico, como seu odor, textura e cor, que contribuiriam para a investigação do período e localização do documento. Além disso, a pesquisa e a coleta de dados realizada através da Hemeroteca Digital foi feita por meio da busca de palavras-chaves, o que dificultou e prejudicou o levantamento dos periódicos necessários, já que a digitalização pode apresentar erros nos caracteres de documentos, além da linguagem de alguns escritos permitirem que assuntos fossem abordados sem especificar o nome deles, o que levou a perdas ou o não encontro de alguns dados.

Logo, mesmo que a tecnologia do digital permita o acesso a estes jornais, é necessário fazer a análise externa deles para compreender como seus processos de produção e distribuição diferem os impressos de época dos arquivos digitais. Os jornais dos séculos XIX e XX exigiam grande investimento em papéis, tintas, tipografias, técnicas e mãos de obra; além de depender de toda uma logística para ser comercializado, sendo sua distribuição por rotas terrestres e seus preços muitas vezes não acessíveis.

Esta pesquisa contou com o uso de periódicos e como eles foram importantes para repensar o papel e espaço ocupado por mulheres na sociedade carioca da época. Também foram utilizados de artigos e materiais bibliográficos que possuem contribuições e temas relacionados ao tema de estudo e à sociedade da época em questão.

O principal periódico trabalhado foi o jornal do Rio de Janeiro *O PAIZ*, que circulou matutivamente no período de 1884 até 1930, sendo fundado por João José dos Reis Júnior e

dirigido por Rui Barbosa, durante toda a República Velha. Inicialmente, *O PAIZ* possuía quatro páginas, sendo as duas primeiras destinadas para as colunas, como de Telegramas, Noticiário, Resenha Diária e Seção Livre, enquanto as páginas finais eram voltadas para anúncios. Sua tiragem inicial chegou a alcançar 11 mil exemplares, mas já em 1889 alcançou 26 mil. Após a Proclamação da República, algumas edições especiais do periódico chegaram a uma tiragem de mais de 60 mil exemplares e as quatro páginas iniciais por edição passam para seis, sempre em formato *standard* e com alta vendagem. Devido ao grande número de vendas, as edições vinham com o slogan: “O Paiz é a folha de maior tiragem e de maior circulação na América Latina”.

Entre os anos de 1927 e 1930, o preço do periódico era de 200 réis o exemplar avulso e estampava no seu cabeçalho o seguinte lema: “Jornal independente, político, literário e noticioso”. O diretor era Alves de Souza e o gerente Romeu Ribeiro. (ELIAS; MARTINS, 2019)

Ainda de acordo com Elias e Martins (2019), a coluna do jornal denominada Feminismo obteve um total de 82 edições, sendo sua primeira menção em outubro de 1927 e a última no mês de setembro de 1930. A periodicidade de suas publicações costumava ser semanal, ocorrendo às sextas-feiras até 1928, quando começou a ser veiculada aos domingos. A partir do ano 1929 a coluna começou a perder espaço, sendo publicada de forma aleatória até aparecer pela última vez em 18 de setembro de 1930.

A atenção desta pesquisa foi voltada especificamente para a seção o Feminismo, que teve como redatora e responsável pelas matérias a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização fundada em 1922 em prol dos direitos civis e políticos das mulheres.

Este jornal era muito conhecido por seus temas abolicionistas e progressistas e pregava a liberdade de imprensa. Parou de circular em 1930, pois a identificação de *O Paiz* com toda a estrutura política da República Velha fez com que sua sede fosse saqueada e empastelada.

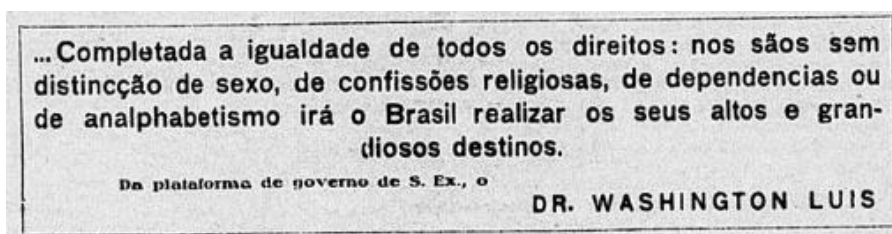
Esta pesquisa estudou o contexto social e histórico no qual o jornal se inseria para conhecer a importância que ele ocupava na sociedade e suas ilustres redadoras. O intuito foi o de entender a importância das pautas ali apresentadas e compreender as representações e contribuições que esta fonte jornalística deixou para o movimento feminista e para a luta das mulheres brasileiras, que buscavam narrar suas próprias histórias e serem ouvidas.

### **3. DISCUSSÃO E RESULTADOS**

Foram analisadas 72 edições da seção “Feminismo” do jornal *O PAIZ*, seções estas que datam de 1927 até 1930 e que trazem pautas majoritariamente políticas e de igualdade feminina:

“... Completada a igualdade de todos os direitos: não são sem distincção de sexo, de confissões religiosas, de dependências ou analphabetismo que irá o Brasil realizar os seus altos e grandiosos destinos – Da plataforma de governo de S. Ex. Dr. Washington Luis” (ed.1, p.6, 1928).

Figura 1



**Fonte: Hemeroteca Digital Nacional Brasil**

Para melhor compreender o contexto, os interesses e as pautas da seção o Feminismo, a discussão compreenderá questões sobre como era a sociedade da década e do local no qual o jornal foi escrito; a importância dos periódicos na luta feminina; a influência dos movimentos feministas internacionais para as reivindicações das mulheres brasileiras; a força e relevância da FBPF no periódico e as pautas abordadas nas colunas do jornal, como o sufrágio feminino, que debatia o direito ao voto; a exaltação de figuras femininas como Alzira Soriano e de seu Estado Rio Grande do Norte, dentre outros aspectos das reivindicações pela emancipação feminina.

### 3.1 A SOCIEDADE CARIOCA DE 20

De acordo com André Nunes Azevedo (2018), na década de 1920, o Rio de Janeiro ainda era a capital do Brasil, que vivia os últimos anos da Primeira República. A capital, governada por Pereira Passos, passava por um processo de mudanças sociais, culturais e políticas a fim de torná-la a vitrine do país, sendo elas ideias higienistas, de progresso, de reurbanização e de modernização com a intenção de trazer para a cidade uma aparência mais europeia. Neste contexto, o Rio se tornou cada vez mais elitista e com o objetivo de ‘civilizar’ o espaço urbano, não apenas na questão arquitetônica, mas também no quesito social.

É evidente que esse processo de mudanças reforçou ainda mais a divisão das classes sociais e suas estruturas no espaço público e privado, sobretudo o da instituição familiar e do papel da



mulher dentro dela. A figura feminina da elite possuía uma boa educação e era instruída, cabendo a ela um papel maior de controle familiar e a missão de moldar a si mesma e os outros membros da família para que seguissem o padrão idealizado nesse meio (FINELLI, SILVA E AMARAL, 2015). Este modelo era muito àqueles das elites europeias, nos quais a mulher era considerada a boa dona de casa e mulher do lar, responsável por manter a boa aparência da família e principalmente dos filhos, que deveriam ser educados para serem a riqueza do país, o que requeria que tivessem uma educação erudita e comportamento exemplar. Por outro lado, a família de classe baixa possuía representações diferentes dos papéis de cada membro; mesmo que ainda extremamente patriarcal. A mulher também era responsável por ajudar no sustento familiar e além de cuidar do lar, também trabalhavam em espaços como escolas, fábricas, comércios e telefonias para ajudar financeiramente a família.

Apesar de a sociedade carioca de 1920 ainda ser muito tradicional e conservadora, as ideias progressistas advindas da Europa acabaram por influenciar as mulheres a lutarem por seus direitos. Neste período, se observam suas vozes em protestos contra a discriminações e restrições que lhe foram impostas sobretudo em âmbito político e econômico, e que foram disseminadas através da imprensa feminina que se destacava como principal meio de comunicação das ideias feministas no período. (ELIAS E MARTINS, 2019)

### 3.2 A MULHER DO SÉCULO XX

Para melhor compreender os processos das lutas femininas da década foco da pesquisa, é necessário entender sobre a mulher nos anos 1920, seus valores, ideais, posições na sociedade e modos de vida do gênero no início do século XX. O universo feminino do período, aquele dos grupos abastados, ainda estava muito voltado para as questões de beleza, da estética feminina idealizada segundo esses padrões e pelo excelente desempenho que ela deveria ter como rainha do lar, e exemplo de mãe e esposa. De acordo com Poliana Moreira Silva, em seu artigo Movimento Higienista: Construção Da Figura Feminina (2017), as concepções acerca de “ser feminina” vinham das ideias higienistas, que por meio de discursos médicos ditavam regras de aparência, elegância e métodos de beleza. Este movimento higienista, que surgiu no Brasil no fim do século

XIX e início do século XX, tinha o intuito de criar uma mentalidade na sociedade, moldando-a de maneira que o foco passasse a ser a saúde e a moral, cuidando dos aspectos sanitários das cidades, e comportamentais da população.

Em questões morais, o higienismo apresentava as mulheres como um sexo frágil, submisso e voltado para a reprodução, dessa forma, foram levadas a assumirem o papel doméstico e a esfera privada, onde ficariam encarregadas de cuidar dos filhos, do marido e da casa.

Em contrapartida, de acordo com Lima (2018), foi também neste período que fomentou-se as ideias feministas no Brasil, que passaram a ser amplamente divulgadas pelos periódicos. Essas ideias chegaram à sociedade brasileira juntamente com os ideais europeus revolucionários, entre eles o da Belle Époque, período que ocorreu entre 1871 e 1914 e que possuía um estilo boêmio, surgindo principalmente na Europa, que se tornou uma referência global em questões educacionais, científicas, médicas e artísticas; que influenciaram transformações e modernizações em todo o mundo; em especial a cidade do Rio de Janeiro, que aderiu aos moldes europeus e revolucionou a imprensa no Brasil.

### 3.3 A IMPRENSA FEMININA

Segundo Lima (2007, p.224), a popularização dos jornais cresceu juntamente com os espaços urbanos:

No séc. XX, as transformações que afetaram a sociedade brasileira, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, trazendo crescimento urbano, aumento da população e de suas camadas médias, melhoria no nível de instrução, entre outras modificações, refletiram-se na modernização da imprensa. Surgiu a grande imprensa, com maiores tiragens, sustentadas pela publicidade. Intensificou-se o hábito de leitura de jornais e revistas, conforme comprova o aumento das publicações.

A imprensa e seus periódicos foram um dos mais importantes meios de disseminação das ideias feministas no século XX. Nos meios de comunicação havia o predomínio da presença masculina e os escritos sobre as mulheres traziam somente questões de moda, beleza, culinária e sobretudo do “universo das donas de casa”.

Apesar de ganhar maior notoriedade somente no século XX, a imprensa feminina já dava voz para algumas reivindicações das mulheres no século XIX, como cita Tavares (2008, p.01):

Em meados do século XIX, a injustiça a que as mulheres eram submetidas e a rápida disseminação de novas ideias deram origem à imprensa feminina no Brasil, cujas colaboradoras viram no regime republicano a mudança redentora de suas injustas condições. a reivindicação feminista concentrou-se no direito de voto, já pressupondo a elegibilidade das candidatas. Porém, na Assembleia Constituinte, reunida em 1891, para elaborar a primeira constituição republicana do Brasil, os homens debateram o sufrágio

feminino, mas não concederam voto às mulheres e a exclusão continuou sendo o principal instrumento de dominação.

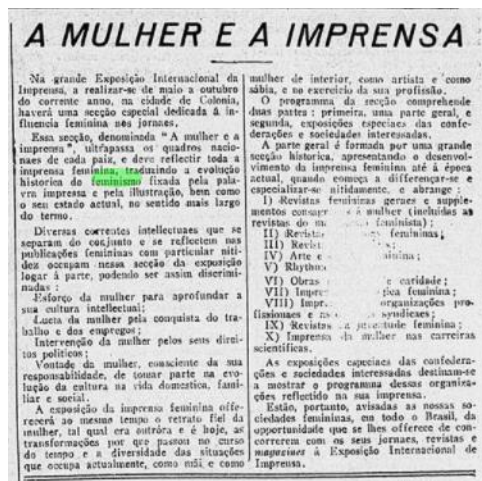
Fica evidente que os anseios pela conquista de seus direitos já existiam na mentalidade de muitas mulheres, e à medida que circulavam pela República Velha, ganharam espaço a ponto de se tornarem pauta em uma Assembleia Constituinte. Os esforços femininos ganhavam força e começavam a se destacar e os periódicos foram os principais veículos para divulgar e fortalecer a mensagem de igualdade entre os gêneros.

Essas reivindicações que estampavam as páginas dos jornais davam voz aos desejos das mulheres e do grupo a qual representavam, e demonstravam para todos os leitores que elas estavam dispostas a lutar por seus direitos e a questionar e promover mudanças. O simples ato de falar a respeito da ausência feminina no espaço público e político já representava um marco importante na conquista dos direitos das mulheres. Este aspecto levava informações e esperança, além de demonstrar que não se tratava de um ato isolado, mas de um movimento que ocorria em todo o mundo.

O próprio periódico analisado por essa pesquisa já trazia em suas páginas a importância da imprensa para contar a história das mulheres. Em uma das edições da seção “Feminismo” do jornal O PAIZ, foi publicada uma matéria com o nome “A mulher e a imprensa”, a qual destacou a grande Exposição Internacional da Imprensa que ocorreria na cidade de Colônia e que abordaria o esforço das mulheres em aprofundar sua cultura intelectual. Reivindicavam a conquista de trabalhos e empregos; sua atuação pela busca de participação política e no espaço social. Esta exposição também iria oferecer um retrato fiel da mulher da época e as transformações e diversidades pelas quais elas passaram (ed. 18, p. 6, 1928).

Na matéria abaixo, destaca-se uma das poucas aparições sobre a relação entre a mulher e a imprensa. Nela, é abordada uma futura exposição internacional da imprensa, onde haverá um destaque para a influência feminina nos jornais com reflexões sobre as correntes intelectuais femininas, que propagavam o esforço da mulher para aprofundar sua cultura intelectual; luta da mulher para a conquista do trabalho e de empregos; intervenção da mulher pelos seus direitos políticos; e vontade da mulher de se tornar parte da evolução da cultura da vida doméstica, familiar e social. Segundo o próprio recorte, o principal objetivo da exposição seria: “[...] Offerecerá ao mesmo tempo o retrato fiel da mulher, tal qual era outrora e é hoje, as transformações por que passou no curso do tempo e a diversidade das situações que ocupa actualmente, como mãe e como mulher de interior, como artista e como sábia, e no exercício da sua profissão.” (O PAIZ, 16. Mar. 1998, p.6).

Figura 2



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional Brasil

Destaca-se que na própria época, já havia por parte das mulheres o reconhecimento da importância da imprensa enquanto veículo de comunicação e instrumento de tomada de consciência feminista, sendo assim, é possível compreender que a seção Feminismo não era despreziosa e reconhecia seu próprio poder como instrumento de manifestação.

### 3.4 A SEÇÃO FEMINISMO

A seção Feminismo ganhou espaço no jornal O Paiz pela primeira vez em outubro de 1927. Passou a possuir uma periodicidade semanal, sendo inicialmente veiculado às sextas-feiras. Sobre a redação das pautas e matérias, ficaram encarregadas as mulheres líderes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que negociaram este espaço do jornal com o diretor do mesmo, Alves de Souza. Assinavam como responsáveis da seção Ormind Bastos e Bertha Lutz:

O Paiz [...] vai inaugurar amanhã uma nova seção – FEMINISMO. Confiada à brilhante capacidade mental das senhoritas Bertha Lutz e Ormind Bastos, presidente aquela, consultora jurídica esta, da Federação Brasileiras pelo Progresso Feminino, e destinando-se a versar questões cuja magnitude e oportunidade são extremamente palpantes no momento que atravessa a evolução da sociedade humana, à nova seção do PAIZ está reservado êxito indiscutível (O Paiz, 20.out.1927, p. 2).

A Publicação ressaltava a importância de se abordar o assunto feminismo naquela época, utilizando o argumento da evolução da sociedade humana, sendo assim, considerava indiscutível a presença das reivindicações feministas.

Logo em sua primeira publicação, a coluna exibiu uma matéria intitulada “Pequena Explicação”, na qual se apresentou os motivos para a necessidade da criação desta no jornal:

[...] o dr. Alves de Souza houve por bem abrir às convenções feministas no Brasil uma tribuna livre, de onde pudessem observar, discutir e doutrinar, concedendo lhes esta meia página às sextas-feiras, num dos mais acatados e brilhantes jornais brasileiros, que é inegavelmente O PAIZ. Honra lhe seja feita. O simples fato de aqui estarmos, publicando estas linhas, é um atestado palpitante de que o feminismo não constitui mais, no conceito das nossas elites intelectuais, atentado à ordem pública [...] (O Paiz, Feminismo, 21.out.1927, p. 7).

O excerto destaca o ponto relevante de divulgar os pleitos feministas por meio do jornal e de trazer essas mulheres para as discussões do espaço público, ou seja, ao cotidiano da sociedade carioca. Sobre a composição da seção, destaca-se que ela possuía em média cinco matérias, acompanhadas de fotos ou imagens, que abordavam como temáticas principais o voto feminino no Brasil e no mundo; a constitucionalidade do voto feminino; as conquistas femininas ao redor do globo; e exaltação de algumas figuras femininas e seus feitos, em especial àquelas do estado do Rio Grande do Norte, precursoras em relação à luta pelo voto e à participação de mulheres nas eleições brasileiras.

Destaca-se em verde na imagem, as palavras “feminismo”, que foram utilizadas como palavra-chave na busca pelo assunto nas páginas do jornal.

Figura 3



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional Brasil

Nesta primeira edição da seção, em 21 de outubro de 1927, fica evidente a autoria de cada texto publicado na coluna, aparecendo os nomes de Bertha Lutz e Ormindia Bastos como autoras, sendo ambas integrantes principais da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização esta que esteve presente em toda a redação da seção.

### 3.5 O PAPEL DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO NO PERIÓDICO

As mulheres membros da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino eram as responsáveis por redigir as matérias da coluna Feminismo do jornal O PAIZ, na qual divulgavam suas reivindicações e a busca pela aprovação do sufrágio feminino em âmbito nacional devido ao grande espaço que o movimento sufragista vinha ganhando no Brasil.

A FBPF foi uma organização fundada em 1922, no Rio de Janeiro, com o intuito de contestar a ordem política e institucional durante a Primeira República, e defender o direito feminino ao voto, à instrução da mulher, à proteção às mães e à infância, e à uma legislação reguladora do trabalho feminino<sup>1</sup>. A FBPF teve como primeira presidente a zoóloga e ativista Bertha Lutz, considerada à época uma das principais lideranças do movimento feminista.

A organização ganhou destaque e influência por conseguir conquistar um espaço de fala em meio a uma sociedade dominada pela ação e expressão de membros das elites masculinas. Lutava pelas reivindicações das mulheres por meio da presença em sessões do Congresso, da pressão direta junto a deputados e senadores e/ou envio de telegramas para eles e de reuniões com os principais políticos da época, dentre outras ações a fim de aprovarem projetos de interesse das mulheres brasileiras (KARAWEJCZYK, 2019, p. 102).

Uma das mais importantes estratégias adotadas pela federação foi adotar o uso de periódicos para divulgar suas pautas e seus argumentos a favor do voto feminino. Garantir a escrita de uma coluna em um jornal de expressivo alcance contribuiu ainda mais para validar o movimento.

Logo na segunda publicação da seção feminismo, a federação fez questão de destacar seu intuito:

Art. 3º- Com este intuito trabalha a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino para os seguintes fins:

1- Promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina.

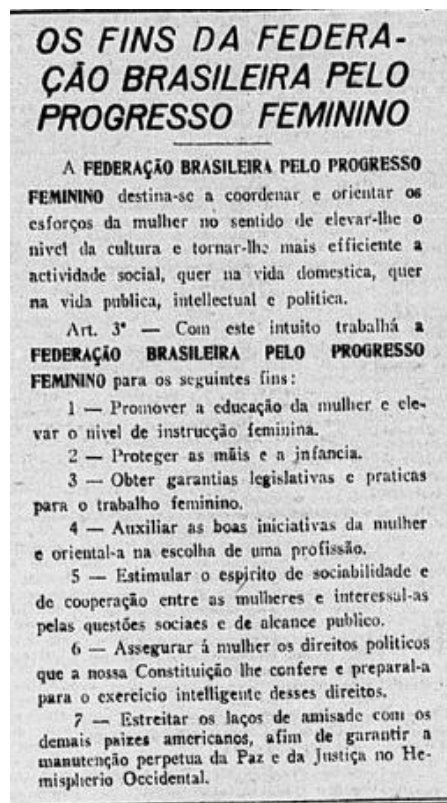
---

<sup>1</sup> Apesar de defender a classe trabalhadora, a federação era composta por mulheres de elite.

- 2- Proteger as mãis e a infância.
- 3- Obter garantias legislativas e praticas para o trabalho feminino.
- 4- Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientar-a na escolha de uma profissão.
- 5- Estimular o espirito de sociabilidade e de cooperação entre as mulheres e interessal-as pelas questões sociaes e de alcance publico.
- 6- Assegurar á mulher os direitos políticos que a nossa Constituição lhe confere e preparal-a para o exercicio inteligente desses direitos.
- 7- Estreitar os laços de amizade com os demais paizes americanos, afim de garantir a manutenção perpetua da Paz e da Justiça no Hemispherio Occidental. (ed.2, p.6, 197)

Ao publicar suas intenções, a FBPF divulgava amplamente seu movimento e suas intenções, que passariam a marcar presença no cotidiano carioca pelos próximos três anos; além de se comprometer a abordar e defender tais temas por meio do periódico.

Figura 4



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional Brasil

As aparições e menções da FBPF não se limitavam apenas à coluna Feminismo. Seus feitos e esforços apareciam também em notícias breves, principalmente sobre suas conferências e congressos que ocorriam em todo o país e que influenciavam a conjuntura política do Brasil. O jornal evidenciava a federação como uma das responsáveis diretas pela conquista do voto feminino no Rio Grande do Norte, e como porta-voz da luta feminista brasileira no exterior.

Além de se posicionar, a FBPF também utilizava o espaço conquistado para exaltar e ceder um local de fala para outras mulheres, como a escritora Rachel Prado, que se posicionou na coluna da seguinte maneira:

Se na guerra, nas ciencias, nas artes, no amor da família, a mulher se distingue, porque motivo não deverá colaborar na legislação ou na saneção de leis proveitosas? Se o homem pensa com o cérebro, a mulher pensa com o cérebro e o coração! O ideal de emancipação não é o desejo de masculinisa-la nem de dar-lhe veste e atitudes masculinas. É fazel-a intelectualmente superior para o trabalho unificado. (ed.34, p.11, 1928).

Os posicionamentos reunidos pela organização retratavam os anseios e desejos de diversas figuras femininas que enxergaram na divulgação realizada por elas um meio de participar ativamente da luta pela emancipação feminina. A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino continuou publicando em O PAIZ até 1930, e sua existência enquanto organização foi até 1937, sendo extinta com a instauração do Estado Novo, PINTO (2003).

O papel de ativismo e todo o trabalho realizado pela Federação foi possível graças a mulheres que, mesmo em condições privilegiadas, não se contentaram em ser as únicas com maiores participações na esfera pública, buscando promover este direito á todas as mulheres sem distinções. Bertha Lutz, citada anteriormente, está entre este seleto grupo de mulheres que estavam cientes de duas condições financeiras, sociais e intelectuais; e que usufruía delas para dar voz as reivindicações femininas.

### 3.6 BERTHA LUTZ

Bertha Maria Julia Lutz nasceu em 1894 e faleceu em 1976. Ficou conhecida como a maior líder na luta pelos direitos políticos das mulheres brasileiras. Pertencente à elite brasileira carioca, Bertha realizou seus estudos na Europa, onde formou-se em Biologia pela Sorbonne e tomou contato com a campanha sufragista inglesa e as conquistas feministas. Retornou ao Brasil em 1918 e ingressou, por concurso público, como bióloga, no Museu Nacional, sendo a segunda mulher a entrar no serviço público brasileiro.





aconteciam no Brasil e no mundo; como mostra a imagem acima, que narra a participação ilustre da bióloga no Congresso de Roma e da Bélgica.

### 3.7 OS MOVIMENTOS FEMINISTAS AO REDOR DO MUNDO

A seção “Feminismo” estava sempre trazendo informações a respeito de movimentos internacionais das mulheres e como estava a luta pela emancipação feminina ao redor do mundo, em países europeus como Suécia, França e Alemanha; asiáticos, como o Japão; e da América, como a Argentina e Cuba. Essas informações serviam para demonstrar que em alguns países os protestos e as reivindicações das mulheres estavam sendo atendidas, o que seria um alento para que as brasileiras seguissem em suas lutas.

Entre os temas recorrentemente abordados pela coluna estavam o das Conferências interamericanas, que ocorriam em diversos lugares da América, e os temas abordados sobre a conquista de direitos pelas mulheres. O jornal tinha como costume citar a presença e as representações femininas nos movimentos e nas pautas discutidas.

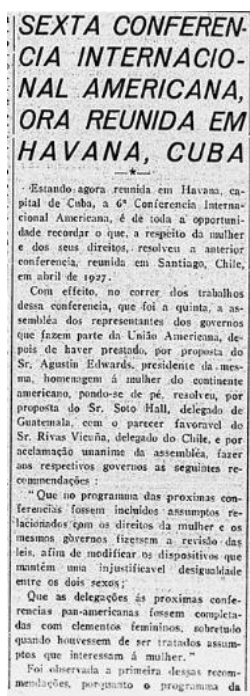
A seção Feminismo, entre vários escritos sobre o exterior, cedia um importante destaque e manchetes exclusivas aos feitos da União Inter-americana de Mulheres, uma federação representativa do movimento feminista no continente e que, segundo o jornal, era inspirada no mais alto ideal humanitário e de fraternidade. Em uma de suas publicações sobre a federação intitulada “Sexta Conferência Internacional Americana, ora reunida em Havana, Cuba”, o jornal pontuou seus esforços para que as delegações dos Congressos que abordassem assuntos de interesses femininos fossem representadas por mulheres. Ainda, nesta notícia, fica explícito o intuito da União: “Que no programma das próximas conferências fossem incluídos assumptos relacionados com os direitos da mulher e os mesmos governos fizessem a revisão das leis, afim de modificar os dispositivos a que mantêm uma injustificável desigualdade entre os dois sexos” (ed.12, p.5, 1928).

Figura 6



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional Brasil

Figura 7



**Fonte: Hemeroteca Digital Nacional Brasil**

No dia 27 de janeiro de 1928 a coluna noticiou a “Conferência Panamericana de Havana e os Direitos das Mulheres”, na qual foram discutidos dois principais temas, a igualdade dos direitos civis entre homens e mulheres, e a nacionalidade independente da mulher casada. Este debate tinha como finalidade incorporar estas questões ao Código Panamericano de Direito Privado. Ainda, nesta matéria, foi destacada a importância desta pauta para a luta feminina: “Estão interessando essas questões e estão despertando vivo interesse da população feminina esclarecida de todos os países americanos, pois já se foram os dias em que a mulher permanecia passiva, enquanto os homens legislavam ao seu respeito” (ed.13, p.5, 1928).

Outro importante movimento citado com frequência pela seção é a Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino, fundada em 1904, em prol dos direitos das mulheres. Essa Aliança foi mencionada pelo jornal em publicações nas quais são realçadas a defesa feminina pelo seu direito de participar da política. Um exemplo disto ocorreu na matéria publicada na edição 37, de 1928 (p.11), intitulada “O Movimento Feminista no Japão”, que realçou o congresso realizado pela AISF em 1920, em Genebra, no qual as feministas japonesas vislumbraram a necessidade de se formar um grupo que unisse forças a favor dos direitos políticos femininos no Japão.

Em O PAIZ, a seção Feminista também abordou os modos de ação feministas em outros países. Em relação à Suécia, foi retratado como o berço do feminismo:

A mulher sueca sempre gozou de uma situação privilegiada, mesmo na antiguidade remota. Era soberana do lar e exercia grande influencia sobre o marido e os filhos. Os

homens sempre lhe dispensaram o maior respeito, dela fazendo a sua conselheira e não raro aplicando os seus conselhos mesmo nos altos negócios do país. Através a história da Suécia surgem grandes vultos femininos que, por sua coragem e critérios, salvaram mais de uma vez os destinos da pátria. (ed. 2, p.6, 1927)

A coluna exaltou a importância e influência da educação sueca, responsável pelo ativo papel atribuído às mulheres do país, criadas para serem intelectuais e responsáveis desde a infância. Essas mulheres possuíam um protagonismo no âmbito familiar e relevância na sociedade.

O periódico tinha grande preocupação e cuidado ao trazer as pautas feministas internacionais, uma vez que apresentar a força e a proporção que estes ideais estavam alcançando validava ainda mais os esforços pelo sufrágio das mulheres brasileiras e contribuiria para, enfim, a conquista dos direitos desejados por elas no senado.

### 3.8 O VOTO FEMININO

A maior pauta feminista entre o século XIX e início de século XX foi o direito ao voto. As mulheres viram no regime republicano uma possibilidade de conquistá-lo devido à Assembleia Constituinte de 1891, que escreveu a primeira Constituição Republicana do Brasil. Nela, foi debatido por homens a questão do sufrágio feminino, que resultou na não aprovação do voto a elas. Esta decisão e exclusão das mulheres gerou contestação por parte de muitas delas, que argumentavam a respeito da ambiguidade constitucional para reivindicar a participação das mulheres no alistamento eleitoral. Apesar de o voto não ter sido concedido para as brasileiras, também não foi explicitamente negado: “[...] Foi aprovado o artigo 70 que definiu serem eleitores da República os cidadãos brasileiros, maiores de 21 anos alistados na forma da lei, a grande questão que passou a ser discutida era se as mulheres deveriam ou não ser consideradas cidadãs[...]” (ELIAS E MARTINS, 2019, p.14).

A seção Feminismo concentrou seus esforços em defender a legalidade do voto feminino e usou como exemplo de vitória a conquista do voto estadual no Rio Grande do Norte. O Estado foi o primeiro do Brasil a reconhecer as mulheres como votantes. A permissão foi concedida em 25 de outubro de 1927 pela Lei de nº 660, com o apoio do senador Juvenal Lamartine:

Assim em confirmação de uma promessa feita pelo então senador do Rio Grande Norte Juvenal Lamartine a Bertha Lutz e as mulheres da FBPF, em 1927, este inclui o direito ao voto feminino em sua campanha política a Presidente do Estado e a encaminha à redação final da constituição do estado de Rio Grande do Norte, em seu art.77 das disposições Gerais: "No Rio Grande do Norte poderão votar e ser votados, sem distinções de sexos, todos os cidadãos que reunirem as condições exigidas por lei" (BANDEIRA; MELO, 2010, p. 16).

Figura 8



**Fonte: Hemeroteca Digital Nacional Brasil**

No ano seguinte, em 1928, a cidade de Mossoró, do Rio Grande do Norte, teve sua primeira eleitora - Celina Guimarães Viana. No ano seguinte, em 1929, o movimento sufragista obteve mais uma conquista, Alzira Soriano se torna a primeira mulher eleita, não só no Brasil como em toda América Latina, na cidade de Lajes, onde se tornou prefeita. (ENGLER, VICENZI, 2021)

A coluna Feminismo expressava sua indignação redigindo matérias com argumentos que validavam o direito ao voto. Em sua primeira edição, a coluna publicou “As Mulheres já votam em 36 países, por que não hão de votar no Brasil?” com uma extensa lista dos países adeptos ao sufrágio. Ainda na mesma página estampou a matéria “Havemos de Vencer!”:

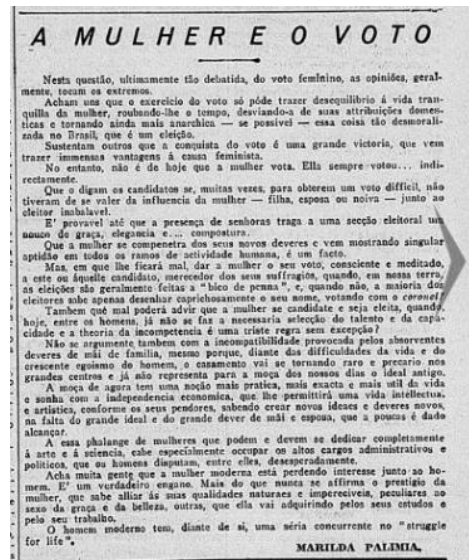
Debaixo da pressão irresistível e avassaladora do progresso ruíram as muralhas do tradicionalismo latino, com a concessão de direitos eleitoraes às mulheres na França, na Italia, na Rumania e na Hespanha. O Mexico transportou de modo fulgurante tal exemplo ao solo latino deste continente. Cuba e a Argentina, passo a passo, vêm ao seu encaço, disputando avidamente o segundo lugar. Em vista de factos tão eloquentes como negar ainda que se aproxima o dia em que a mulher brasileira também será cidadã? (ed.1, p.7, 1927).

As redatoras da coluna estavam sempre levando mensagens de esperança às leitoras, fazendo-as acreditar que a conquista de seus direitos não tardaria. Nesta seção, argumentavam ser inconcebível que as mulheres não vencessem em relação ao sufrágio e destacavam a atuação indispensável da mulher ao longo da história:

Não concebo a idéa de que a mulher de uma terra grandiosa, como esta, não tenha o direito de pensar nos seus próprios direitos. A historia de todos os povos e de todas as épocas, lida atenciosamente, encerra, em cada pagina, a eloquencia de um vulto feminino. Sempre a mulher foi a inspiradora do homem; sempre teve a influencia incontestável nos assumptos politivos e sociais; por que, então, no século das luzes, ella desempenha o seu papel ainda nos bastidores? (ed. 5, p.7, 1927)

Devido às diversas conquistas feministas em curso, a coluna trazia a esperança de que a emancipação política feminina ocorresse em todo o território nacional. Argumentavam sobre não ser mais aceitável a participação alheia das mulheres no contexto sociopolítico das ideias daquele século.

Figura 9



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional Brasil

As mulheres não estavam mais dispostas a ficar em segundo plano, queriam ser ouvidas e participar ativamente da sociedade enquanto cidadãs e o periódico cumpria o papel ser um dos porta-vozes de suas indignações, lutas e reivindicações.

Por fim, destaca-se o excelente papel que os periódicos femininos executaram no cenário de mudanças de mentalidades acerca dos papéis de gênero na sociedade brasileira do início do século XX. A seção Feminismo aqui analisada foi brilhantemente redigida por mulheres fortes e revolucionárias que estavam dispostas a enfrentar a predominância de homens no espaço público e político e a lutarem por aquilo que acreditavam. Suas páginas foram lançadas em uma época em que já havia outros materiais destinados a circulação com o mesmo intuito, entretanto, seu ativismo para com o sufrágio foi extremamente relevante.

O seu destaque em relação aos outros se deu principalmente por sua circulação semanal das pautas feministas. A seção não desviava seu foco do ativismo feminino, realizado por meio de pautas de luta, protestos e reivindicações, questionando publicações que reforçavam os estereótipos de que às mulheres cabia apenas a atuação doméstica e de cuidado familiar.

Já em sua primeira aparição em O Paiz, a coluna evidenciou que seu objetivo seria o de questionar amplamente a constitucionalidade do voto feminino, demonstrando os países que já o haviam conquistado; os políticos apoiadores do movimento; os pequenos progressos no território nacional; além de argumentar sobre a igualdade entre os sexos que deveria ser efetivamente validada.

Desde seu lançamento até seu encerramento, houve um trabalho árduo para divulgar que as feministas brasileiras não estavam sozinhas e que os seus anseios também eram compartilhados por diversas outras mulheres ao redor do mundo. Além disso, a divulgação das conquistas feministas no exterior foi imprescindível para alimentar a esperança de que no Brasil, na efetivação dos direitos das mulheres enquanto cidadãs, não era e nem deveria ser um sonho distante.

É importante ressaltar que este periódico conseguiu se tornar parte do cotidiano carioca, pois apresentou um significativo número de tiragem. O custo dos periódicos, na época, influenciou diretamente em seu público leitor, em sua maioria pertencente às elites; contudo, as ideias neles contidas conseguiram se espalhar através da oralidade.

A Federação Brasileira pelo Progresso feminino foi um órgão que, embora atuasse em várias regiões do país, foi fundamental para a existência da coluna. A própria seção evidenciava em suas páginas os feitos da FBPF, que não trabalhava apenas na divulgação da luta pela emancipação, mas também se fazia presente em diversas conferências e congressos, participando ativamente da luta feminista.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O contato com os periódicos, mesmo que de maneira digital, é uma possibilidade enriquecedora. Poder retornar ao passado por meio da leitura e análise de jornais que faziam parte do cotidiano da população é uma experiência única, que nos leva a reflexão sobre como se davam as relações pessoais, as decisões políticas, as construções urbanas e toda a funcionalidade de uma sociedade.

A análise da seção Feminismo nos traz à realidade de como, muitas vezes, não damos o devido valor às lutas e conquistas de mulheres do passado e dos privilégios que nós mulheres desfrutamos nos dias atuais. Por trás das pequenas coisas do dia a dia ou em atitudes que consideramos normais ou banais, estão décadas de lutas e esforços para que o básico e o mínimo de reconhecimento fossem designados às mulheres; atos como a possibilidade do divórcio, o uso de roupas curtas, a atuação no mercado de trabalho, em cargos de altos postos e nas decisões

política só se tornaram possíveis graças às mulheres do passado, que não aceitaram viver sem questionamentos à maneira então lhes reservada.

A nova historiografia, preocupada com o estudo das mulheres, é imprescindível para compreendermos as mudanças estruturais que o Brasil e o mundo passaram para chegar aos moldes atuais e ter contribuído, por meio deste artigo, para a construção de mais um capítulo da história destas mulheres tornou-se uma grande honra.



## FONTE:

**O Paiz.** Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1884-1934. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/paiz/178691>. Acesso em: 31 mar. 2021.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, I. C. Q.; ABREU, K. C. K. a história das revistas no brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. Santa Catarina, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BRASIL, E; NASCIMENTO, L. F. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estud. hist.**, Rio de Janeiro, vol.33, no.69, jan./abr. 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21862020000100196&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862020000100196&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

CARULA, Karoline. A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 1, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2016000100261](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000100261). Acesso em: 29 mar. 2021.

CARVALHO, Eliane; Junior, Laerth. O discurso médico-higienista no Brasil do início do século XX. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10 n. 3, p. 427-451, nov.2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/rYdphf4bjPSgTXXMJcXP3vb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 ago, 2022.

CAVALCANTI, Vanessa. MULHERES EM AÇÃO: REVOLUÇÕES, PROTAGONISMO E PRÁXIS DOS SÉCULOS XIX E XX. **Proj. História**, São Paulo, (30), p. 243-264, jun. 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/55149/Downloads/2265-Texto%20do%20artigo-4583-1-10-20091111.pdf>. Acesso em: 04 jul, 2022.

COSTA, Priscila. REFLETINDO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO PERIÓDICO A MULHER PARA AS DISCUSSÕES ACERCA DA INSTRUÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX. **ANPED**, Paraná, 2016. p 1-14. Disponível em: [http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-1\\_PRISCILA-TRARBACH-COSTA.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-1_PRISCILA-TRARBACH-COSTA.pdf). Acesso em: 30 ago, 2022.

DAUPHIN, Cécile et al. A HISTÓRIA DAS MULHERES.CULTURA E PODER DAS MULHERES: ENSAIO DE HISTORIOGRAFIA. **Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero**. Rio de Janeiro, p. 7-30, 2000. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/historia\\_das\\_mulheres\\_nuteg.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/historia_das_mulheres_nuteg.pdf). Acesso em: 31 mar. 2021.

DUARTE, Constância Lima. IMPRENSA FEMININA E FEMINISTA NO BRASIL: SÉCULO XIX – **DICIONÁRIO ILUSTRADO**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016 – Paula da Silva RAMOS – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP/Assis. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/156262/000894598.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 ago. 2022

ELIAS, Beatriz; MARTINS, Luis. Sempre à Mulher Pela Mulher: a coluna “o feminismo” no jornal O Paiz (RJ). **I Simpósio História, Ensino e Pesquisa: liberdade em foco**. Rio Grande do Sul, maio. 2019. Disponível em:

[https://www.academia.edu/43498871/Anais\\_I\\_Simp%C3%B3sio\\_de\\_Hist%C3%B3ria\\_Ensino\\_e\\_Pesquisa\\_liberdade\\_em\\_foco](https://www.academia.edu/43498871/Anais_I_Simp%C3%B3sio_de_Hist%C3%B3ria_Ensino_e_Pesquisa_liberdade_em_foco). Acesso em: 28 mar. 2021.

ENGLER, Isabel; VICENZI, Renilda. MULHER NA VIDA POLÍTICA: ALZIRA SORIANO. LAGES/RN, 1928-1930. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 31., 2021, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Anpuh, Disponível em:

[https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628551219\\_ARQUIVO\\_e23ef74f26102ace264d19ae46e98ff1.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628551219_ARQUIVO_e23ef74f26102ace264d19ae46e98ff1.pdf). Acesso em: 15 fev. 2022.

FEITOSA, L. C. Masculino e Feminino na sociedade romana: os desafios de uma análise de gênero. In: CANDIDO, Maria Regina [org.] **Mulheres na Antiguidade: Novas Perspectivas e Abordagens**. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora-DG Ltda, 2012.

GONÇALES, Guilherme. MODA E EMANCIPAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DO JORNAL DAS SENHORAS – RIO DE JANEIRO, 1852. Universidade de Brasília. 2014. p 1-42. Disponível em:

[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7042/1/2014\\_GuilhermeDominguesGoncales.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7042/1/2014_GuilhermeDominguesGoncales.pdf). Acesso em: 15 ago, 2022.

KARAWEJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. **Estudos Ibero-Americanos**. 2014, 40 (1), 64-84. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134632894005>. Acesso em: 28 mar. 2021.

KARAWEJCZYK, Mônica. O Feminismo em Boa Marcha no Brasil! Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, e49845, 2018. Disponível em:

[https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628551219\\_ARQUIVO\\_e23ef74f26102ace264d19ae46e98ff1.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628551219_ARQUIVO_e23ef74f26102ace264d19ae46e98ff1.pdf) Acesso em 10 fev. 2021.

LIMA, Natália. **A Belle Époque e seus reflexos no Brasil**. UFES, Espírito Santo. 2018. p 1-12. Disponível em:

<file:///C:/Users/55149/Downloads/tphellipe,+Nat%C3%A1lia+Dias+de+Casado+Lima.pdf>. Acesso em: 02 set, 2022.

LIMA, S. L. L. Imprensa Feminina, Revista Feminina: A Imprensa Feminina no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, Volume, n. 35, p. 221-240, dez./2007.

LOBATO, Mayara Luma Maia. A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher do século XX. **ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 9., 2013, Ouro Preto. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o->

encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-trajetoria-do-feminino-na-imprensa-brasileira-o-jornalismo-de-revista-e-a-mulher-do-seculo-xx. Acesso em: 15 fev. 2022.

MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/first%20informatica/Downloads/História%20da%20Imprensa%20no%20Brasil%20by%20Ana%20Luiza%20Martins%20e%20Tania%20Regina%20de%20Luca.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

MUZART, Zahidé. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Revista Estudos Feministas**, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QFg3mNfZzjCK3B4YJSNF7vs/?lang=pt>. Acesso em: 22 ago, 2022.

NITAHARA, Akemi. Jornais foram os primeiros a publicar textos de mulheres no país, diz professora. **Agência Brasil**, 2016. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-03/jornais-foram-os-primeiros-publicar-mulheres-no-brasil>. Acesso em: 28, Mar. 2021.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 1. ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2017. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod\\_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf). Acesso em: 28 mar. 2021.

PESSANHA, Andréa. MEMÓRIA E MISSÃO: O PAIZ E GAZETA NACIONAL. IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO (1884-1888). **Revista Tempos Históricos**, Paraná, v. 14, p. 207-225, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/first%20informatica/Downloads/4866-17782-1-PB.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

PINTO, Celi Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: **Editora Fundação Perseu Abramo** (coleção história do povo brasileiro) 2003.

SILVA, Poliana. MOVIMENTO HIGIENISTA: CONSTRUÇÃO DA FIGURA FEMININA. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. 2017. p.1-34. Dissertação. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22397/5/MovimentoHigienistaConstrucao.pdf>. Acesso em: 20 ago, 2022.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasil Educação**. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/mJxm348crdgLd4mgqnwMHcd/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 04 ago, 2022.

VOKS, Douglas. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AS MULHERES NA REVISTA CARETA (1910 – 1920): ENTRE A MULHER IDEAL E A INDEPENDENTE. **Revista Discente**, Minas Gerais. p. 175- 188, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/55149/Downloads/editorx08,+Gerente+da+revista,+07p175.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2020.

## **CARTA DE DISPENSA DE APRESENTAÇÃO AO CEP OU CEUA**

**À**

**COORDENADORIA DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA  
UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

Informo que não é necessária a submissão do projeto de pesquisa intitulada **Uma análise sociopolítica da emancipação das mulheres brasileiras no século XX, sob a perspectiva da seção *FEMINISMO* do jornal *O PAIZ*** ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) ou à Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) devido ao uso restrito de fontes escritas e referências bibliográficas.

Atenciosamente,

Bauru, 31 de março de 2021.